

Maria Carmen Aires Gomes  
mcgomes@ufv.br

# Estudo explanatório-crítico de narrativas jornalísticas e a problematização de gêneros<sup>1</sup>

## An explanatory and critical study about journalistic narratives and the problematization of gender

**RESUMO** - Identificações como travestis, transexuais, transgêneros, intersexos e g0ys caracterizam “Outridades” que fogem à concepção heteronormativa sobre gênero e sexo, porque constituem performatividades subversivas, ou seja, atos políticos que desnaturalizam a matriz binária, hierárquica e atributiva. A realização de pesquisas *Queer* em interface aos estudos discursivos críticos nos serve de mote para problematizar essas novas expressões identitárias enquanto processos discursivos e sociais. O objetivo deste artigo é apresentar um estudo crítico da narrativa jornalística sobre a travesti Rogéria, na reportagem publicada na seção “Vida”, na edição de setembro de 2013, na revista RG (Registro Geral do que interessa), publicação mensal da Carta Editorial. A partir do arcabouço teórico e metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003), sobre a relação dialética entre gênero discursivo, discurso e estilo enquanto práticas que significam ações, representações e identificações sociais, concluímos que a RG perpetua uma concepção essencialista sobre identidades de gênero e sexualidade, e restringe a construção de Rogéria ao contexto de shows e espetáculos. Considerando a potencialidade formadora de opinião pública que a mídia exerce e sua voz predominante no texto, percebemos que a reportagem não amplia o debate sobre corporeidade e gênero, ao contrário, reproduz o estereótipo de travesti enquanto alegoria artística.

**Palavras-chave:** discurso, performatividade, travesti.

**ABSTRACT** - Identifications like travesty, transsexual, transgender, g0y characterize “others” who don’t follow the heteronormative conception about sexual and gender identities. They constitute subversive performativities as well as political actions that denaturalize the binary, hierarchical and attributive matrix. This motivates the development of *Queer* researches along critical and discursive studies to problematize these new kinds of expressions of identities, and its constitution as a discursive and social processes. The objective of this paper is to present a critical analysis of the journalistic narrative about the transvestite Rogéria, in an article published in the “Vida” section, in the September issue of 2013, revised in RG magazine (Registro Geral do que interessa), a monthly publication of Carta Editorial. From the theoretical and methodological framework proposed by Chouliaraki and Fairclough (1999) and Fairclough (2003) on the dialectical relation among genre, discourse and style as practices that signify actions, representations and social identifications, we conclude that RG perpetuates an essentialist conception about sexual and gender identities, as well as restricts the construction of Rogéria to the context of concerts and shows. So, considering the media’s potential to form public opinion and its predominant voice in the text, we realize that the story does not widen the debate on corporeality and gender; on the opposite, it reproduces a transvestite stereotype as an artistic allegory.

**Keywords:** discourse, performativity, travesty.

### Contextualização

Em 1960, as travestis eram atração de espetáculos e casas de show. Silva (2007) nos relata que, entre 1980 e 1990, programas de televisão de grande audiência em rede nacional tinham a participação constante de travestis (Rogéria era uma delas). Nas últimas décadas, há uma visibilidade recorrente na mídia em filmes, telenovelas e seriados de televisão, além da participação em programas de auditório entre outras práticas culturais. Assim, “é a partir dessas travestis que se expõem, seja na rua, seja no

palco, que a sociedade mais abrangente toma contato e lida com o fenômeno” (Silva, 2007, p. 29). Isso implica dizer que as travestis e suas narrativas penetram na vida social seja por meio da ideia estereotipada da promiscuidade, prostituição, seja pelo viés alegórico, artístico.

Kulick (2008) ressalta que, dentre os países da América Latina, o Brasil é o que dá mais visibilidade às travestis, tanto no espaço social, quanto no imaginário cultural.

Travestis, transexuais, transgêneros, intersexos, g0ys<sup>2</sup> são algumas das Outridades que fogem à matriz heteronormativa, não apenas por uma questão de designa-

<sup>1</sup> Este trabalho é um recorte do projeto “Corpo na mídia impressa e televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea”, financiado pelo CNPq (PQ2). Agradeço à leitura de Renan Gomes.

<sup>2</sup> O site brasileiro “Heterogoy” deixa muito claro que g0y não é gay e explica que “é um heterossexual mais liberal, que não faz sexo com homens, apenas faz brincadeiras sacanas, desde que nesses contatos não ocorra a penetração” (Jaru Online, 2014).

ção, mas porque constituem identidades performatizadas subversivas, atos políticos que desnaturalizam a matriz binária, hierárquica e atributiva. É neste contexto que se fazem urgentes e necessárias pesquisas *Queer*<sup>3</sup>, que problematizem estas novas expressões sexuais e genéricas (Butler, 2008). Livia e Hall (2010, p. 114) afirmam que “a teoria *queer*, com seu interesse pelas forças sociais hegemônicas em vez de falantes individuais – uma posição que herdou do pós-modernismo –, pode ser vista como uma reação à política de identidades do feminismo”. Parafraseando as pesquisadoras, a teoria *queer* se desenvolveu, em parte, contra a natureza essencialista da política de identidades, “ligada à noção de comunidade baseada na identidade pessoal” (Livia e Hall, 2010, p. 114).

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo discursivo de narrativa jornalística sobre a travesti Rogéria. Trata-se de uma reportagem publicada na seção “Vida”, na edição de setembro de 2013, na revista RG, publicação mensal da Carta Editorial. Na primeira seção, apresento a conjuntura social, histórica e teórica sobre a relação entre gênero, sexo e corpo, para em seguida tecer algumas reflexões sobre a prática sociomidiática jornalística. Na segunda seção, são discutidos alguns conceitos que embasam a abordagem discursiva textualmente orientada, conforme pesquisas desenvolvidas por Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2003) e Fairclough e Fairclough (2012). Na terceira seção, são apresentados esforços analíticos do estudo, que fazem parte de um projeto mais amplo sobre narrativas jornalísticas, corpo diferente e identidades de gênero.

### **Conjuntura: problematizando as relações entre gênero, sexo e corpo**

A relação entre sexo, gênero e corpo tem suscitado várias pesquisas nos mais variados campos do conhecimento, como Antropologia, Sociologia, Filosofia, Etnologia, além dos Estudos Discursivos ou da Comunicação, que pesquisam a representação ou imaginário da corporeidade na sociedade contemporânea.

No âmbito dos estudos filosóficos, Judith Butler, amparada nos estudos genealógicos de Michel Foucault sobre a docilidade dos corpos/sujeitos pelas instituições sociais e os regimes de verdade, discute, principalmente em *Problemas do Gênero*, questões sobre o feminismo e a subversão da identidade, a partir da compreensão do gênero como performance. A autora chama atenção para o fato de considerarmos uma verdade incontestada (natural) o que é “ser masculino” e o que é “ser feminino”, visão naturalmente respaldada historicamente pelos discursos

produzidos e impostos pelos ordenamentos institucionais médicos, biológicos e jurídicos (Foucault, 2001; Butler, 2008). Em função disso, é visível a dificuldade de a sociedade, muitas vezes, compreender as construções de corpos ou Outridades que não se adequem a tais ordenamentos.

Fato é que o “ser homem” ou “ser mulher” ultrapassam não só as dimensões anatômicas e fisiológicas, mas também os limites corpóreos produzidos por discursos religiosos, como o criacionismo, por exemplo. Já é possível, na contemporaneidade, compreendermos que, em um corpo físico masculino, haja uma construção identitária feminina e vice-versa, porque partimos do princípio de que as identidades são construídas, de maneira performatizada, sociocultural e histórica, e não são, portanto, dadas *a priori*.

Butler (2008) discute, portanto, o conceito equivocado de sexo para constituição e formação de outridades e enuncia o projeto político de gênero como categoria operativa para se compreender a condição dos travestis, transexuais, andrógenos, gays, g0ys, entre outros. O problema é que ainda vivemos em uma cultura hegemônica pretensamente masculinista e heterossexual, que produz um determinado tipo de matriz que exclui e/ou marginaliza não só o feminino, mas as outridades no campo das identidades de gênero e sexo.

Tal matriz impõe relações de poder naturalizadas, essencialistas e dicotômicas: heterossexual e homossexual/transexual/travesti/g0ys; homem e mulher; negro e branco; idoso e jovem; magro e obeso, enfim, entre um sujeito e um Outro. É nesse contexto que Butler (2008) problematiza as categorias de gênero que sustentam hierarquicamente a heterossexualidade compulsória (Salih, 2012). A pesquisadora assume que as identidades são formadas por iterações performativas, que agem discursivamente, produzindo corpos no interior dessas categorias de sexo, que as tornam “naturais e originais” (Butler, 2008, p. 9). São os atos performativos, nas variadas práticas e atividades sociais no interior das instituições, que nos formam discursivamente, que nos constituem como sujeitos. A filósofa investiga, portanto, “as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos das instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos” (Butler, 2008, p. 9). Assim, a problematização ressaltada por Butler é fundamental para que compreendamos nossas relações com o Outro e mais especificamente as relações entre sexo, sexualidade e gênero. A travesti Rogéria, por exemplo, diz que “tem mente de mulher” (gênero), tem um pênis (sexo biológico) e sente atração por homens (sexualidade).

<sup>3</sup> “O livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* de Judith Butler emerge como texto fundador da Teoria Queer, que compreende gênero como performance. Para Butler, o ‘ser’ nunca chega a alcançar a solidez, completude ou essência; a existência, por sua vez, é ativa e em contínua iteração” (Borgerson, 2009, p. 60-61).

A ideia de que vivemos em uma vida social aberta pressupõe que tanto o feminino quanto o masculino já não pareçam categorias estáveis e naturais. O aspecto relacional (masculino ⇔ feminino) não se sustenta nas práticas sociais contemporâneas, porque as categorias não são definidas, universalizantes e fixas; é o caso, por exemplo, das travestilidades. Peres (2012, p. 538), problematizando a constituição e a fluidez da identidade travesti, compreende “a emergência das travestilidades como processualidades em trânsitos situados entre a afirmação de suas verdades, ousadas, corajosas e afirmativas [...] diante de determinações do sistema sexo/gênero/desejo”. Pode-se dizer que são identidades em fluxo, em trânsito, porém ainda demarcadas, na matriz heterossexual, no campo semântico da monstrosidade (Leite Júnior, 2012), do abjeto (Bento e Pelúcio, 2012), da anormalidade (Foucault, 2001).

No entanto, observa-se, como chama atenção Peres (2012), um amplo movimento de enfrentamento das travestilidades frente aos discursos reverberados pelas instituições conservadoras: do Estado, da Igreja, da Medicina, do Direito, entre outros. Segundo César (2014, p. 165), os movimentos sociais contemporâneos, feministas e LGBT “refutam o conceito de minoria social, enfatizando a ideia de diversidade sexual e de gênero, o que gerou, no Brasil, uma maioria significativa de grupos sociais com diferentes identidades sociais e orientações sexuais”. No contexto da diversidade, novas relações entre Estado e os campos social e jurídico precisaram ser repensadas, e o ponto de partida foram discussões impenetradas pelos movimentos LGBT (César, 2014). Essa nova dinâmica sociopolítica levou

a criação do programa ‘Brasil sem homofobia’, criado em 2004, pelo Ministério da Saúde, no âmbito do Conselho Nacional do Combate à Discriminação, e também pela Secretaria de Direitos Humanos, no interior do Programa de Combate à violência e à discriminação com GLTB e promoção da cidadania homossexual em colaboração com o Ministério da Educação (César, 2014, p. 165).

Embora, nos últimos anos, tenham sido muitas as conquistas jurídico-políticas da comunidade LGBT (César, 2014), além de uma maior visibilidade midiática das identidades de gênero, e atitudes sociais mais humanizadas, observa-se ainda uma dificuldade no reconhecimento e principalmente na aceitação dessas identidades no âmbito da esfera pública. Lamentavelmente, como problematizam Bento e Pelúcio (2012), as travestilidades e transexualidades ainda são consideradas como transtornos mentais pelas organizações e associações mundiais de saúde. Bento e Pelúcio (2012), então, apontam para a importância de se despatologizar as identidades sexuais, ou seja, refutar o conceito de gênero como categoria diagnóstica, ainda pautada em discursos universalizantes, biológicos, científicos sobre corpos, gêneros e desejos.

É nesta conjuntura que se encontra nosso interesse em analisar narrativas jornalísticas impressas que buscam representar discursivamente as histórias daqueles/as entrevistados/as, questionados/as, e que se tornaram dignos/as de se tornarem notícia. Ao relatarem suas experiências, revelarem seus segredos, emoções, racionalidades, produzem identidades, levando o outro a reconhecê-las, refutá-las ou aceitá-las. Para Chouliaraki e Fairclough (1999), a vantagem de se pensar na contextualização do problema em termos de conjuntura é que ela nos permite traçar historicamente o efeito não apenas de eventos individuais, mas de uma série de eventos ligados conjunturalmente, tanto na manutenção quanto na transformação da (re)articulação das práticas sociais, neste caso, as práticas relativas à constituição discursiva, política e histórica dos sujeitos que vivenciam a cultura heteronormativa.

### **Refletindo sobre a prática midiática e as narrativas jornalísticas**

Segundo a abordagem explanatório-crítica das práticas midiáticas, os “textos da mídia são barômetros sensíveis da mudança cultural que se manifestam em sua heterogeneidade e contradição, da natureza, muitas vezes, hesitante, inacabada de mudança” (Fairclough, 1995, p. 60). Nesse sentido, ainda considerando o funcionamento dialético discursivo (sociedade ⇔ discurso), Fowler (1991) afirma que os eventos instanciados pela mídia fazem parte de uma operação complexa de seleção, orientada por interesses econômicos e sociopolíticos, o que aponta para uma construção social da narrativa jornalística.

Logo, tais práticas pressupõem a ação de sujeitos, detentores de determinados saberes, inseridos em instituições midiáticas, fazendo-nos questionar o caráter de “imparcialidade” atribuído a tais práticas. Fairclough (1995), retomando os estudos de van Leeuwen (1987), afirma que os propósitos do jornalismo são complexos, sendo muitas vezes mascarados até mesmo pelos/as especialistas. O autor sugere ainda que “a produção de descrições pode ser vista como imparcial e objetiva, mas também como tipo de entretenimento, controle social e legitimações” (Fairclough, 1995, p. 86).

Neste sentido, podemos dizer que as narrativas jornalísticas podem (des)construir e/ou transformar discursos, saberes e identidades. Por narrativas jornalísticas, tenho compreendido que são não só representações socio-culturais e ficcionais de possíveis realidades (ou possíveis interpretativos de realidades), mas também uma forma de organizar as nossas formas de agir e interagir socialmente. As construções narrativas são elaboradas para atingirem determinados objetivos e propósitos comunicativos, além de reforçarem as relações de poder e de hegemonia, por meio de ações e performances sócio-históricas e culturais.

Corrêa (2002), discutindo a elaboração textual-discursiva das narrativas midiáticas, problematiza a

construção semiotizada do fato jornalístico, ao indagar se não estariam descrições e narrativas ocupando o lugar do fato em si, dispensando o/a leitor/a de formar opiniões e formular ideias sobre o fato. Ou seja, ao descrever o fato, as mídias podem detalhar, comentar ou mesmo avaliar afetivamente o fato que gerou a notícia ou reportagem. Observa-se que as mídias buscam legitimar “uma” opinião sobre os fatos, que, na melhor das hipóteses, pode coincidir com os interesses e valores das pessoas que as leem. Se cada mídia, cada veículo, cada periódico, tem suas próprias narrativas e descrições acerca dos fatos, isso implica dizer que o fato é construído em narrativas para um/a leitor/a previsto/a, e então é de se esperar que haja uma adequação às expectativas deste/a leitor/a (Corrêa, 2002).

O fato precisa ser contextualizado para que o/a leitor/a o compreenda; nessa contextualização, a construção das personagens é essencial. É nesse ponto que, parafraseando Corrêa (2002), pode-se dizer que as narrativas jornalísticas têm uma “dimensão política e ética: o que dizer e o que não dizer ao/à leitor/a?” Qual o limite entre o que pode e deve ser dito e daquilo que pode e deve ser lido sobre a Rogéria, por exemplo? Como ser simples, objetivo e claro se há um enviesamento argumentativo na construção de narrativas? (Fairclough e Fairclough, 2012).

As narrativas jornalísticas estão mediando ações e práticas sociais: é nelas que os sujeitos se constituem, se relacionam e se transformam ou se moldam, revelando legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo. Neste sentido, Costa (2009, p. 112) pontua que “quando os sujeitos narram a si próprios, eles falam de suas experiências historicamente constituídas desde o lugar que ocupam, e são essas histórias que produzem uma identidade particular, diferente, não subsumida na identidade essencialista do sujeito da modernidade”.

### **ADC: ferramenta analítica para o estudo exploratório-crítico**

Para a ADC, conforme proposta faircloughiana, o conceito de prática torna-se fundamental para refletir acerca da crítica social, uma vez que, para o autor, a vida social se constitui de práticas sociais, sendo o discurso um dos elementos destas práticas. Assim, as questões sociais podem ser problematizadas discursivamente, já que a linguagem opera como elemento central das práticas sociais contemporâneas. Além disso, “há muito se reconheceu a importância das ideias e conceitos da vida social, que se manifestam no discurso” (Fairclough e Fairclough, 2012, p. 79), justificando o entendimento da realidade social conceitualmente mediada. Os tipos e formas de discursos que existem precisam ser socialmente explanados e a vida social precisa ser explanada nos termos dos efeitos discursivos.

A vida social é aberta e se encontra em constante movimento. Nessa dinamicidade nossos eventos sociais cotidianos se internalizam em outras práticas, que vão ora se entrecruzando, ora colonizando umas às outras. É neste sentido que discursos são socialmente construídos em relação às posições sociais que as pessoas ocupam nos variados eventos, práticas e instituições sociais; por isso, “como substantivo mais abstrato, significa linguagem e outros tipos de semiose como momento irredutível da vida social, ou seja, em práticas sociais a linguagem figura como discurso” (Ramalho e Resende, 2011, p. 41).

A vida social, segundo Fairclough (2003) e Fairclough e Fairclough (2012), pode ser analisada e conceitualizada como uma ação recíproca entre três níveis da realidade social: *estruturas* e *eventos* são mediados pelas *práticas*, que são relativamente estáveis (e duráveis). Para circunscrever a significação de prática discursiva como prática social, Chouliaraki e Fairclough (1999) afirmam que é no quadro das instituições e estruturas sociais que as práticas têm relativa permanência, já que estas estão expostas às mudanças e transformações dos modos de ação produzidas por aquelas. No entanto, Fairclough já afirmava que “[a] constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (Fairclough, 2001, p. 93). A prática se constitui por meio de redes de elementos sociais inscritos num espaço-tempo, cuja localização se dá em cadeias de relações com outras práticas, através de uma dimensão reflexiva. Fairclough (2001) define que toda prática entrecruza vários elementos sociais – atividades, sujeitos e suas relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e espaço, formas de consciência, valores e discursos – que se articulam no jogo dialético discursivo.

Em *Analysing discourse: textual analysis for social research*, Fairclough (2003) prioriza metodologicamente os recursos internos dos vários momentos semióticos que se articulam na prática social. Tais recursos são denominados de tipos de significados da semiose, divididos, em termos analíticos, em três momentos: (i) a ação/gêneros (agimos e interagimos através dos gêneros discursivos); (ii) a representação do mundo material/discurso (varia de acordo com as posições dos sujeitos nas práticas sociais); e (iii) a identificação/estilo (configuração das identidades, que se relacionam ao conceito de estilo).

Dessa maneira, analisaremos os discursos tomando como ponto de partida a ideia de que as pessoas fazem escolhas “sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (Fairclough, 2001, p. 104). É importante dizer que o princípio da escolha se ancora no escopo da Linguística Sistemico-Funcional tal como difundido por M.A.K Halliday (1978): as escolhas são potencialmente signifi-

cativas, pois são probabilísticas, isto é, são as dimensões fundamentais do contexto de situação que determinarão que certos significados são mais prováveis do que outros. Cada escolha realizada influencia e é influenciada pelas demais à sua volta (Barbara e Gomes, 2013).

Seguindo, então, os percursos analíticos, conforme abordagem discursiva proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999), a análise parte da percepção do *problema* (representação do corpo travesti) relacionado ao discurso no contexto da mídia impressa brasileira. Em seguida, foram verificados quais são os *obstáculos para que o problema fosse superado* – quais as características permanentes nas redes de práticas que sustentam o problema observado – através de três focos de análise correlacionados: *análise da conjuntura*, *análise da prática particular* e, finalmente, *análise de discurso* (com dupla orientação, para a estrutura e para a interação).

Para uma pesquisa de cunho discursivo crítico, o corpus inclui ponto crítico e momentos de crise, na medida em que as contradições podem se tornar visíveis em tais momentos (Fairclough, 2001). Neste trabalho, será analisada uma narrativa jornalística, que faz parte de um corpus documental que busca evidenciar a forma como a mídia impressa, digital e televisiva representam o corpo “diferente”, “marginal”, aquele corpo que não é reconhecido como “normal ou padrão” pelas instituições sociais. O objetivo é problematizar de que forma as mídias tem discutido a diferença: se a acentua (binarismo macho x fêmea), ou se propõe negociação, ou se reconhece e propõe a transformação das identidades de gênero.

Para a análise, foram selecionadas categorias analíticas que estão associadas a maneiras particulares de representar, de agir e de identificar questões de gêneros sociais voltadas para a travestilidade. O foco é o significado representacional e identificacional, cujo interesse é explorar os modos como a travestilidade é representada e identificada na amostra discursiva.

As categorias utilizadas para a análise linguístico-discursiva são: *Sistema de Transitividade* (como Rogéria é representada por meio de participante, processo e circunstância? Como a travestilidade é representada e avaliada? (Halliday e Matthiessen, 2004)); relações de *intertextualidade* (Quais vozes e textos são incluídos no material de análise? Quais foram significativamente excluídos? Como são atribuídas as vozes nos textos? São relatadas diretamente ou indiretamente?); e relações de *interdiscursividade* (Que discursos são articulados nos textos e como são articulados? Quais recursos linguístico-discursivos caracterizam tais articulações?); e a *modalidade* (como os autores se comprometem nos textos em relação ao tema? Quais os níveis de comprometimento?).

As categorias para a análise imagética são, conforme as orientações de Kress e van Leeuwen (1996), (2006 a *representação narrativa de ações desempenhadas na imagem* (Que ação Participante Representada (PR) rea-

liza? Qual a posição do seu corpo e o que isso sugere na imagem?); o *sistema de olhar*, associado à relação entre imagem e leitor (para quem a PR olha? Que relação é estabelecida com o leitor, em termos de distância social?); e a distribuição das pessoas e objetos na *composição imagética* (qual informação temática? Quais informações novas? A quem é dado destaque?).

Ao longo do artigo, as análises linguísticas e semióticas são desenvolvidas concomitantemente, uma vez que os processos de interpretação e explicação voltam-se para o texto multimodal como todo, e como verbo e imagem são articulados enquanto prática discursiva midiática, no processo de representação e significação identitária.

Para empreender a pesquisa proposta, me apoiarei nos estudos discursivos críticos em especial na proposta de Norman Fairclough (2001, 2003), além dos estudos da sociosemiótica visual propostos por Kress e van Leeuwen (1996). Tais estudos tomaram por base o modelo sistêmico-funcional desenvolvido por M.A.K Halliday, que busca explicar os fenômenos da linguagem por meio de uma perspectiva social em que o sujeito tem a seu dispor um leque de potencialidades significativas a serem escolhidas conforme o uso e a situação comunicativa em que está inserido.

### **Analisando os dados: o problema sociodiscursivo**

O texto intitulado “Sou a travesti da família brasileira” é uma reportagem publicada na seção “Vida”, na revista RG (Registro Geral do que interessa), publicação mensal da Carta Editorial. Segundo o site da revista, a referida publicação “é um registro geral do que acontece de mais bacana no Brasil e no mundo”. O texto foi publicado na edição de setembro de 2013. Não há referência a ele nem na capa, nem nos tópicos do índice, mas apenas na Carta do Editor, cuja descrição articula-se em tom bastante irônico.

Fazendo referência ao mês de setembro e à primavera, a Carta, metaforicamente, mostra os fatos abordados nas matérias publicadas e apresenta o texto sobre Rogéria da seguinte forma: “Ainda em nossa exuberante fauna, a lista dos gringos mais caipirinha-cool da ArtRio, Rogéria aos 70 anos (muito preservada) e mulher mais engraçada do Brasil, Tatá Werneck, uma espécie rara”. Ao inserir Rogéria no grupo de artistas e de artistas engraçados, a revista já imprime o tom que dará ao texto e, claro, à representação da travesti, pois a descreve como parte de uma “exuberante fauna”, atribuindo a ela significados pejorativos do mundo animal, em que gays também são vulgarmente chamados de “veados”, articulando, assim, um jogo sarcástico de evidência / camuflagem, dizer / sem dizer, para já introduzir Rogéria a partir de uma identidade homossexual. Acentua-se um corpo “exuberante”, artístico, modelado, e se exclui/suprime uma discussão sobre os problemas, dilemas de uma outridade, como a/o travesti.

A matéria é assinada por um jornalista, com nome masculino, e segue a tendência de editorial, ou seja, pouco texto e muitas fotos, com a produção de um *styling*<sup>4</sup>, para reforçar a imagem de diva descrita pelo jornalista. A reportagem se constitui de quatro páginas, sendo duas páginas e meia dedicadas às fotos.

No primeiro conjunto, na página da esquerda, Rogéria é fotografada, em plano fechado, com certa proximidade do/a leitor/a, com olhar de demanda: a Participante Representada (PR) olha diretamente para o/a leitor/a, mas, em pose de oferta, como se fosse um quadro a ser contemplado, analisado e admirado, em função do ângulo frontal (Cf. Kress e van Leeuwen, 1996). Do braço e mão de Rogéria, sai o vetor em direção ao queixo (meta-rosto jovem), como se ela estivesse olhando e deixando ser admirada. A imagem está centralizada e é visível a saturação de cores brilhantes, além da iluminação bastante realçada no rosto da travesti. Os cabelos loiros, a maquiagem iluminada, os maxi brincos dourados e a roupa feita de paetês reforçam a imagem glamorosa da artista, representando-a como um tipo de Diva. Na página da direita, segue o texto.

No segundo conjunto, a página divide-se em duas partes: na parte de cima, no plano ideal (daquilo que não é real, mas imaginário, ou o desejo), encontra-se a imagem fotografada em ângulo frontal, em plano fechado de Rogéria, onde se destacam o colo, pescoço e o rosto (Figura 2). Das duas mãos de Rogéria, saem os vetores que, novamente, apontam para o rosto (meta), bastante jovem, sem os efeitos corpóreos geralmente atribuídos à pele envelhecida. A imagem está centralizada, reforçada pela iluminação sobre o rosto e pele da artista em contraponto à roupa preta que a veste. Na segunda parte, o texto produzido em meia página, finalizando a história contada pelo jornalista.

As imagens parecem endossar a avaliação positiva e atributiva destacada no texto da Carta do Editor: “Rogéria aos 70 anos ( *muito preservada*)”. O uso do plano fechado, com foco no rosto e na região do colo e do pescoço, ressalta a metáfora da preservação: bem cuidada, conservada, gerando ilusória juventude. Além disso, as mãos, atrás da PR, ostentam duas frutas, no seu perfeito estado para consumo, tendo Rogéria ao centro, sendo igualmente ofertada aos olhos do/a leitor/a. O que gera duas interpretações antagônicas: (i) a típica e pejorativa classificação de homens gays e travestis como “frutinhas”; (ii) a significação da aparência juvenil de Rogéria, enquanto uma mulher/pessoa “jovem como uma uva”. A própria boca vermelha remete-nos à representação eroticamente simbolizada por morangos, reforçando uma interpretação sobre a atribuição a Rogéria de características estereotipicamente femininas, erotizadas, jovializadas



**Figura 1.** Rogéria – Foto 1.

**Figure 1.** Rogéria – Picture 1.

Fonte: *Revista RG* (set. 2013, p. 112).

e glamorizadas. Atributos que constroem a identidade de travesti de sucesso, enriquecimento e sofisticação.

Na página da direita, em plano aberto, centralizado, Rogéria é fotografada, pelo ângulo vertical *plongê*, de cima para baixo, com uma montagem de plumas verdes, com um dos seios à mostra e com o olhar direcionado ao/a leitor/a. Tanto as pernas quanto os braços sugerem movimento, como se ela estivesse em um show, projetando imagem de glamour, esplendor, como se estivesse fazendo performances em shows.

A imagem reforça a fala do jornalista no final da reportagem: “Rogéria posou, dançou, cantou, contou histórias, divertiu-se e se apresentou para a equipe. [...] mas compartilho estas imagens com vocês e espero que, de alguma forma, elas façam justiça ao talento de uma das musas mais inspiradoras que já conheci”. Rogéria, portanto, aos olhos do jornalista, é ator em processos materiais: posou, dançou, cantou, apresentou, divertiu-se.

<sup>4</sup> “Moda Styling é basicamente criação de Imagem, que tem como finalidade tornar o produto de Moda mais atraente e ao mesmo tempo reforçar o conceito do produto” (Rebello, 2010).



**Figura 2.** Rogéria – Foto 2.

**Figure 2.** Rogéria – Picture 2.

Fonte: *Revista RG* (set. 2013, p. 114).

São ações que reforçam a construção da identidade da artista, da vedete, mas também uma ênfase na agência. O jornalista explicita seus sentimentos e percepções sobre Rogéria de maneira positiva, em tom testemunhal, como se fosse um tipo de tributo (*uma das musas mais inspiradoras que já conheci*).

Por meio da oração relacional<sup>5</sup> “sou a travesti”, Rogéria não só se identifica genericamente como a travesti, por meio do artigo definido “a”, mas também se torna portadora do atributo classificatório: “da família brasileira”, gerando significados potencialmente ideológicos.

O artigo “a”, além de dar mais visualidade, exclusividade e familiaridade ao item lexical travesti, também reforça a identidade feminina, uma vez que não se afirma ser “o, uma ou um travesti”. A afirmação incide em dizer que ela é a única travesti da família brasileira, também uma informação já conhecida pelos/as leitores/as. A construção relacional “Eu sou a” constitui um “ato supremo da subjetividade” (Butler, 2008, p. 170), mas principalmente um ato de poder, político, pois, performaticamente, se identifica como “a travesti”, conforme se observa no excerto 1:

(1) Eu lhe peço para se definir, ao que ela simplesmente responde: ‘Sou a travesti da família brasileira’.

Ao definir-se como “a travesti da família brasileira”, Rogéria coloca em xeque dois ordenamentos institucionais hegemonicamente dicotômicos em relação de igualdade: travesti e família. Talvez esta aceitação, ou o pertencimento de Rogéria à família brasileira, ocorra porque ela diz não se sentir mulher, ou seja, não quer se tornar uma mulher fisicamente, com implantes ou cirurgia de realinhamento de gênero.

Rogéria deixa isso muito claro ao afirmar que: “No fundo não se sente uma mulher”, pois, como diz, “não tenho alma de mulher”. Por outro lado, diz ter “a mente de uma mulher”. Kulick (2008, p. 100), ao realizar pesquisa etnográfica e cultural sobre a travestilidade no centro histórico de Salvador, ao perguntar às travestis sobre a dinamicidade dos corpos, ouviu em tom de consenso que “para elas, qualquer travesti que se diz ou se considera mulher tem problemas mentais. Travesti não é mulher e não pode ser mulher, dizem umas às outras”. Assim como elas, Rogéria não se sente mulher ou não tem alma de mulher porque não tem obviamente “estados internos e sentimentos biologicamente produzidos”, ou seja, “qualquer referência a sentimentos de maternidade, instintos maternos ou reprodução” (Kulick, 2008). Em entrevista ao programa de televisão *De frente com Gabi*, Rogéria não vacila (ou se intimida) ao afirmar que “con-

<sup>5</sup> Sistema de Transitividade relaciona-se à macrofunção ideacional da linguagem e constrói as maneiras como experienciamos e representamos o mundo, por meio dos processos materiais, relacionais, mentais, existenciais e verbais (grupos verbais), participantes (grupos nominais) e circunstâncias (grupos adverbiais).



**Figura 3.** Rogéria – Foto 3.

**Figure 3.** Rogéria – Picture 3.

Fonte: *Revista RG* (set. 2013, p. 115).

vive bem com seus ‘dois lados’”. “Sou mulher e adoro o homem que sou”.

Ela, então, se constitui cultural e historicamente como um ser feminino e masculino, com características do “tornar-se feminino” e do “tornar-se masculino”: um tipo de interpretação política e cultural do corpo. Ao afirmar que tem mente de mulher e se autodenominar travesti, Rogéria elimina qualquer tipo de solidariedade com as mulheres heterossexuais. Uma autonomação que contesta os significados compulsórios da heterossexualidade, por isso ser travesti é um ato de poder, um ato político, pois funda a identidade como realização performativa da sexualidade (Butler, 2008). Ao assumir-se assim, deixa claro para a família brasileira que não tem a pretensão de contestar as identidades binárias.

Kulick (2008, p. 22), então, enfatiza que as travestis não pensam em ser mulher, mas se identificam com os homossexuais, pois desejam outros homens e “se completam como objeto de desejo desses homens”. Segundo o pesquisador, travestis são “condensações de determinadas ideias gerais, representações e práticas do masculino e do feminino” (Kulick, 2008, p. 22), portanto

há uma coerência própria entre corpo, gênero, sexualidade e desejo (Bento e Pelúcio, 2012).

Dessa forma, ao se assumir como “a travesti”, tal pertencimento “à família brasileira” torna-se possível uma vez que ao/à travesti é dado o atributo alegoria e exótico. No contexto dicionarizado, o item lexical travesti refere-se ao/à artista que se veste com roupas características do sexo oposto, em espetáculos ou shows. A voz textual (do jornalista) reforça e reproduz o discurso de que o/a travesti não passa de uma alegoria, de um/a artista que, em espetáculos, se veste com a roupa do sexo oposto: “ela foi minha primeira referência de algo bonito, diferente, exótico e também alegre, orgulhoso e festejado por todo mundo”. Os atributos “exótico e diferente” avaliam e representam Rogéria apenas como uma artista e não deixam margem para a discussão sobre a travestilidade, além de reforçar a tese de fuga da normalidade, do padrão binário, essencialista.

Talvez não seja o propósito da revista discutir a patologização do gênero, ou mesmo o reforço da diferença natural entre os gêneros, mas podemos aqui problematizar a importância de pensarmos que nem todas travestis tiveram (ou tem) uma história de sucesso como ela. Muitos/as foram abandonados/as pelas famílias, violentados/as pela sociedade, pelo discurso do poder/saber da biomedicina, ou mesmo levados/as ao suicídio em função de diagnósticos psiquiátricos determinísticos (Bento e Pelúcio, 2012).

O subtítulo – *Aos 70 anos, Rogéria revela segredos, fala dos amores e se encanta com o desdém* – nos leva a pensar que a reportagem relatará aquilo que Rogéria revelou, falou e contou ao jornalista, e que dará a voz a ela. No entanto, sobre a representação do discurso, observa-se que há fusão da voz do jornalista com a voz de Rogéria, traduzindo a voz da travesti para a própria voz da revista, visivelmente atravessada por investimentos discursivos ideologicamente afetivos.

O/A leitor/a tem acesso à voz de Rogéria pela interpretação e pelo ponto de vista do jornalista, isto é, por meio da representação discursiva dele, que pode estar simplificando e/ou reduzindo as questões abordadas por ela, que é o foco da narrativa (*revela segredos, fala dos amores*). Dessa forma, ao traduzir a voz de Rogéria, ofuscando sua agência/voz, o jornalista pode reproduzir aquilo que seja mais conveniente aos propósitos dele e da revista.

O excerto 2 apresenta-nos algumas construções discursivas potencialmente ideológicas que sustentam a ideia de que Rogéria só é aceita pela família brasileira porque é reconhecida pela sua atuação nos palcos, isto é, como uma artista que produz atos performáticos:

(2) Nascida no Estado do Rio de Janeiro, era um excelente goleiro de futebol. Porém, Rogéria desistiu de uma possível carreira brilhante no esporte aos 15 anos, quando experimentou um vestido de noiva. Aí percebeu que preferia outro tipo de público e ficaria muito mais feliz em jogar com duas bolas, em vez de uma.



O uso mesclado da desinência de gênero ora no feminino “nascida”, em posição temática, ora no masculino “goleiro”, em relação de identificação com um tipo de jogo caracteristicamente masculino, constrói a ideia de realinhamento de identidades de gênero, reforçada pela ação material “experimental”, cuja meta, “vestido de noiva”, é um objeto indicador de feminilidade.

É interessante pensar que a desistência de ser goleiro (e da identidade masculina) esteja vinculada, na fala do jornalista, ao uso de um vestido de noiva, considerado um traje de luxo, na maioria das vezes, produzido com glamour, e normalmente usado no acontecimento social do matrimônio, prática típica (desejo típico) do feminino. Mas o que nos chama atenção é o uso da metáfora do jogo ressaltado pelo nada sutil jogo de palavras, sugerindo os testículos masculinos: “jogar com duas bolas, em vez de uma”. Como foi dito, não se sabe se tal informação foi dita desta maneira por Rogéria, ou se foi uma interpretação ou uma representação construída pela revista / pelo jornalista.

Parece-nos que há uma recorrência irônica em chamar atenção do/a leitor/a para o fato de que, embora esteja vestida de mulher (com aparência de mulher) ou tenha “mente de mulher” (como ela afirma), Rogéria ainda tenha características físico-anatômicas sexuais que a identificam com o “ser homem”, como se observa nos excertos 3 e 4:

(3) Ela nasceu há 70 anos; seu verdadeiro nome é Astolfo Barroso Pinto. Sobrenome quase irônico; Rogéria afirma com orgulho que manteve o seu intacto.

(4) Ela conta que seu irmão machão, que também é seu melhor amigo, ainda a chama pelo apelido de infância, “Tolfo”, para que ela não se esqueça de onde veio.

Ao refletir sobre a função discursiva da intertextualidade, Fairclough (2001, p. 138), chama atenção para o fato de que a recontextualização da fala do outro pode gerar ambivalências textuais: não saber ao certo se as palavras usadas são, de fato, da pessoa representada ou do produtor do texto. Nos exemplos 3 e 4, não se percebe um limite explícito entre a voz de Rogéria e a voz de quem relata (do jornalista), pois afirmações avaliativas, avaliações afetivas são incorporadas à fala representada de Rogéria (seu *verdadeiro* nome, afirma *com orgulho*, é seu *melhor* amigo, seu irmão *machão*).

O comentário em posição temática “Sobrenome quase irônico” coloca em relevo e destaque o sexo, a identidade biológica do masculino, e, ao fazer isso, o jornalista pode interpelar os sujeitos a fazerem conexões, ou mesmo estimular determinados tipos de piadas. Ainda no excerto 4, o uso do caracterizador circunstancial<sup>6</sup> “para que” des-

taca, com realce, o motivo de ser chamado, pelo irmão, pelo nome masculino: “não se esqueça de onde veio”, reforçando talvez o atributo de macheza, ou mesmo a tradição familiar, suas crenças e valores. Embora explicitamente Rogéria sempre tenha sido aceita pela própria família (que é também brasileira), o jornalista deixa claro que o irmão “machão” a nomeia ainda com a identidade masculina: Tolfo. Na pesquisa desenvolvida por Kulick (2008), nenhuma das entrevistadas teve a identidade de gênero aceita pela família, todas foram expulsas e abandonadas pelos familiares. Ao que parece, a história de Rogéria não se conforma com as muitas narrativas observadas em pesquisas e estudos sobre travestilidades (Bento e Pelúcio, 2012; Duque, 2012; Peres, 2012).

(5) Quando tinha 12 anos, por exemplo, sua tia a viu usando uma saia amarela e contou a sua mãe. Em vez de censurá-la, a mãe perguntou: “por que você deixou que sua tia visse?”

(6) desde senhoras que elogiam seu cabelo (e declaram sua adoração) até homens casados que perguntam qual é seu perfume, para que possam comprar do mesmo para suas mulheres.

Observa-se uma clara necessidade jornalística de se reforçar a tese inicial de que Rogéria é “a travesti da família brasileira”, enfatizada pelas representações discursivas das falas do irmão, da mãe, da tia, das senhoras, dos maridos, como se observa nos excertos 5 e 6. O recurso ao discurso direto é pouco usado pelo jornalista. Há uma recorrência significativa do uso de discurso indireto como forma de representação discursiva da fala de Rogéria, gerando um texto bastante ambivalente, uma dupla voz marcada pelos comentários, avaliações e apreciações afetivas do jornalista, como se observa em “(e declaram sua adoração)”, relato que parece se conformar ao posicionamento afetivo do jornalista em relação à travesti. O uso do item lexical “até” introduz o fato de homens casados a terem como referência de glamour, um argumento forte para o reforço da aceitação da travesti no contexto da família e na imagem de sucesso.

Para a travesti, a aparência é um dado importante, externamente reforça os atributos do feminino (cabelo, seios, pele), mas sexualmente é masculina. As/Os entrevistados/as da pesquisa de Kulick (2008) afirmam que as travestilidades não fazem a cirurgia de realinhamento porque querem ter o prazer sexual, por isso permanecem com o pênis. A filósofa americana Judith Butler afirma que “o fato de o pênis, de a vagina, de os seios e assim por diante serem denominados partes sexuais, correspondem tanto a uma restrição do corpo erógeno a essas partes quanto a uma fragmentação do corpo como um todo” (Butler, 2008, p. 167).

<sup>6</sup> Halliday e Matthiessen (2004) distinguem três tipos de relações lógico-semânticas de expansão entre as orações: elaboração, extensão e realce. Neste caso, temos o exemplo da relação de realce: oração que destaca o significado de outra, qualificando-a por meio de caracterizadores circunstanciais de modo, razão, causa, finalidade, entre outros.

Rogéria não parece ter dúvidas em relação a sua identidade de gênero e à morfologia de seu corpo. Ao representar a pergunta sobre o implante de seios, o jornalista avalia afetivamente a reação de Rogéria ao usar o verbo “ofender” (excerto 7), mostrando que ela se identifica afirmativamente com o corpo travestido fluido: positivo, bom e desejável.

(7) Quando lhe pergunto se fez implante de seios, ela se ofende e me faz tocá-los, enquanto, para meu deleite, os pressiona contra meu rosto.

No entanto, ao representar a resposta de Rogéria por meio da descrição do comportamento dela: o fez tocá-los e os pressionou contra o rosto dele, sugere ao/à leitor/a que os seios nasceram naturalmente, excluindo/suprimindo o fato de que a injeção de hormônios é uma prática naturalizada entre os/as travestis para produzir seios e tornar as formas mais arredondadas, portanto, mais femininas. Há que se entender que o corpo não é um ser, mas uma fronteira variável; uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, e o gênero é uma repetição estilizada de atos. É uma temporalidade social constituída (Butler, 2008); o corpo de Rogéria é um corpo político, um ato político, regulado por práticas de travestilidades.

É interessante que, mesmo o jornalista a representando como alguém que racionalmente compreende a relação *queer* sobre sexo, gênero e corpo, a voz da revista insista na reprodução de uma matriz essencialista, biológica, excludente, que reforça representações hegemônicas de que travesti é não só uma alegoria, performance artística, mas também envolve relações promíscuas, conforme se observa no excerto 8:

(8) Rogéria prefere viver sozinha, para evitar o ciúme dos amantes. O terreno comum entre eles? O dos membros grandes. Rogéria me conta que um de seus amantes tem um pênis de 25 centímetros. Ele tem 32 anos e os dois se encontram desde que ele tinha 19. Outro de seus namorados, de 28 anos e expressão doce, teve um orgasmo só de olhar para ela.

O relato acima parece não se conformar com a orientação dada ao/à leitor/a de que Rogériaalaria de seus amores, pois é visível o reforço da relação sexual, do desejo, do pênis (enquanto órgão narcisisticamente investido como falo) e dos orgasmos, por meio da ênfase no tamanho do órgão genital masculino dos amantes de Rogéria. A descrição persuasiva “o dos membros grandes” enfatiza a construção erótica e o desejo sexual da travesti. Segundo Kulick (2008), os homens escolhidos pelas travestis são sempre musculosos, jovens e com o pênis de tamanho avantajado (qualidade bastante atrativa). Rogéria é representada como agente de sua própria vida, parece determinar o tipo de relação que será construído, parece não se identificar com subordinação, não se sujeita às ações dos outros, principalmente as dos amantes. A repre-

sentação de diva, musa inspiradora é reforçada novamente na afirmação afetiva (e até de orgulho, admiração): “teve orgasmo só de olhar para ela”.

O próprio jornalista parece se confundir ao significar os amores ora como amantes, ora como namorados. As experiências românticas e sentimentais, que a constituem como uma figura feminina de amores impossíveis, resvalam também para a produção do desejo, do falo, construindo um tipo de configuração ambivalente: humanização romântico-sexual e rebelde.

A confissão dos desejos sexuais (*Rogéria revela segredos*) pode ser o reforço dos investimentos ideológicos que vinculam a identidade travesti à ousadia, coragem. Chamo atenção, entretanto, para a constituição de um corpo masculino como agente ativo. Para Benedetti (2005), as travestis não rejeitam seus pênis; muitas fazem inclusive uso ativo de seu órgão genital, usufruindo dele erótica e sexualmente, não tendo a necessidade de possuir uma vagina para se sentirem “mais mulher”.

Em termos de construção narrativa, observa-se uma personagem ambivalente que ora é a heroína romântica, a vedete humanizada e aceita pela sociedade, ora é a vedete, a anti-heroína, erotizada e pornográfica.

(9) Nos anos 1960, Rogéria teve um namorado milionário, que chorou muito quando foi dispensado. *Ela não estava interessada em seu dinheiro*, pois havia conhecido o amor de sua vida, um homem de pele morena que ela chamava de Preto. Eles se conheceram no carnaval no Rio e ela desmaiou quando se beijaram pela primeira vez. Apaixonou-se perdidamente, *o que para Rogéria significa ter orgasmos, dor no coração e lágrimas escorrendo pelo rosto*, tudo ao mesmo tempo. Ficaram juntos por cinco anos e moraram com a família de Rogéria, porque sua mãe não a deixaria mudar-se.

No excerto 9, a construção da imagem de um objeto de adoração e excitação de todos é explícita, assim como a de um ser transgressor: ao invés de um amor, vários amantes / namorados e a relação necessária e real entre amor, sexo e desejo. Mais uma vez, o jornalista a representa como o/a agente da relação, aquele/a que dispensa, enquanto o outro/a sente e chora. Por meio da definição persuasiva do que é apaixonar-se, para a Rogéria, o jornalista redescreve retoricamente a realidade, ou seja, redefine o ato de apaixonar-se: orgasmos, dor no coração e lágrimas escorrendo. O tom romântico, feminino e doce da narrativa sentimental de Rogéria a humaniza, suaviza a construção amorosa que envolve paixão, desejo sexual, orgasmo e dor, quase ao ritmo de uma letra de tango. Ao final da estória de amor, após enfatizar o aspecto duradouro da relação (por cinco anos) e o fato de terem morado com a família dela, o jornalista reforça novamente, realçando o motivo de não terem sua própria casa: “*porque* sua mãe não a deixaria mudar-se.”, a tese de que ela é a travesti da família brasileira, porque nunca foi abandonada pela família, e o irmão que não a deixa esquecer as origens ao nomeá-la de Tolfo.

No entanto, ao nomeá-la como “Tolfo”, de forma iterativa, o irmão de Rogéria age performativamente e de forma prescritiva; parafraseando Livia e Hall (2010, p. 122), “exigindo que a endereçada aja de acordo com as normas vinculadas a gênero e, além disso, que crie um gênero apropriado em cada ato culturalmente percebido que ela realizar [...], de forma a adequar o ‘mundo às palavras pronunciadas’”. Assim, ao enunciar o nome “Tolfo”, o irmão de Rogéria não está apenas “iniciando uma ação, mas está reproduzindo normas regulatórias” (Livia e Hall, 2010, p. 122).

### Considerações finais

O relacionamento familiar das/os travestis, a coragem de assumir para a família, os relacionamentos amorosos, relações sexuais e eróticas, shows e eventos são um dos temas relatados pela narrativa jornalística. No texto analisado, não foi observado nenhum tipo de tentativa de se ampliar (ou mesmo de se reconhecer) o debate sobre as travestilidades. Não estabelece relações significativas entre a história de sucesso de Rogéria e o problema sociopolítico que atinge a maioria dos/das travestis brasileiros.

As únicas vozes (explícitas) ouvidas na narrativa são do jornalista e da própria Rogéria, em raros momentos, com o uso das aspas, indicando o discurso direto. A voz do jornalista aparece como uma voz uníssona, comum, que ainda mantém o discurso das identidades essenciais e acentua a representação da/o travesti como uma construção artística, um/a personagem criado/a para shows, apenas. Personaliza a travestilidade e suas problematizações na representação (bem-sucedida) de Rogéria. Talvez porque a construção textualmente se assemelhe antes ao gênero crônica, do que a uma reportagem. Ao ser publicado na seção “Vida”, a revista já nos orienta, de alguma forma, a pensar que o texto será uma narrativa de vida, que terá um tom biográfico, ou testemunhal. No entanto, a voz de Rogéria não é acentuada no texto. Considerando o propósito comunicativo, não sabemos se se trata de uma reportagem, de uma crônica jornalística, de uma história de vida, perfil, ou uma mistura de todas estas realizações genéricas. Há construções narrativas, descritivas, manchete, um tema historiado, com explicações superficiais e reduzidas, e poderíamos dizer que se trata de um perfil – reportagem sobre uma pessoa –, mas não há testemunhos, depoimentos de pessoas que a conhecem, que convivem com Rogéria, apenas a voz uníssona do jornalista atravessada por elogios, avaliações e afirmações afetivas.

Fairclough (2003) destaca que a orientação para a diferença ressalta as várias formas de se viabilizar o debate

sobre o tema na esfera pública. O autor destaca, então, que as pessoas diferem em todas as formas possíveis, por isso a orientação, a reflexão para a diferença, tem-se tornado fundamental hoje na esfera pública. O jornalista parece admirar Rogéria, mas não faz um texto em que o preconceito que existe em relação aos/as travestis seja desnaturalizado; ao contrário, reforça estigmas e acentua a diferença. Há uma dimensão afetiva e cultural que não é desenvolvida, e as informações são tendenciosas, simplificadoras e vagas, ou seja, o jornalista apenas tenta se solidarizar a Rogéria e a seu glamour que o inspira, mas não problematiza o que ocorre com as/os travestis brasileiras/os. Não passa, portanto, de uma história individual de sucesso e reconhecimento, muito diferente de tantas outras, que não são trazidas ao texto: assassinatos, violência policial, pobreza, prostituição, uso de drogas, problemas de saúde relacionados à aplicação de silicone e injeção de hormônios, por exemplo (Kulick, 2008).

Quanto à construção da corporeidade e da formação identitária, na narrativa jornalística, Rogéria se apresenta como um personagem criado para atender às performances artísticas, assumindo para si não só o papel de diva, mas também como um objeto transitório, suscetível a muitas metamorfoses de acordo com as suas experiências.

### Referências

- BARBARA, L.; GOMES, M.C.A. Interfaces entre Linguagem, Cultura e Sociedade à luz da Linguística sistêmico-funcional. In: M.C.A. GOMES; G.L. ROANI, *Interfaces entre Linguagem, Cultura e Sociedade*. Viçosa, Editora UFV, p. 28-41.
- BENEDETTI, M. 2005. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, Garamond, 144 p.
- BENTO, B; PELÚCIO, L. 2012. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Estudos Feministas*, 20(2):569-581.
- BORGERSON, J. 2009. Judith Butler. In: SCOTT, J. (org.), *50 Grandes sociólogos contemporâneos*. São Paulo, Contexto, 238 p.
- BUTLER, J. 2008. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 236 p.
- CÉSAR, M.R.A. 2014. (Des)fazendo gêneros e queerizando a vida: a (des)educação de corpos. In: A. FERRARI (org.), *Corpo, gênero e sexualidade*. Lavras, UFLA, p. 159-174.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. 1999. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgo, Edinburgh University Press, 176 p.
- CORRÊA, M.L.G. 2002. *Linguagem e comunicação social: visões da linguística moderna*. São Paulo, Parábola, 103 p.
- COSTA, C.T. 2009. *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 287 p.
- DUQUE, T. 2012. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre morrer, virar e nascer travesti na adolescência. *Estudos feministas*. Florianópolis, 20(2):489-500.
- FAIRCLOUGH, N. 1995. *Media discourse*. London, Edward Arnold, 214 p.
- FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília, UnB, 316 p.
- FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, Routledge, 271 p.

<sup>7</sup> As autoras citam a fala de John Searle (1979).

- FAIRCLOUGH, I.; FAIRCLOUGH, N. 2012. *Political discourse analysis. A method for advanced students*. London, Routledge, 266 p.
- FOUCAULT, M. 2001. *Os anormais*. São Paulo, Martins Fontes, 330 p.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. 2004. *An Introduction to Functional Grammar*. 3ª ed., London, Edward Arnold, 667 p.
- JARU ONLINE. 2014. Nova Moda: Goys são homens que se relacionam entre si mas não se consideram Gays. Disponível em: <http://www.jaruonline.com.br/noticia/nova-moda-goys-sao-homens-que-se-relacionam-entre-si-mas-nao-se-consideram-gays,geral,13483.html>. Acesso em: 02/02/2015.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. 1996. *Reading images: the grammar of visual design*. London, Routledge, 321 p.
- KULICK, D. 2008. *Travesti. Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 279 p.
- LEITE JUNIOR, J. 2012. Transitar pra onde? Monstruosidade, (des) patologização, insegurança social e identidades transgêneras. *Estudos feministas*, **20**(2):559-568. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200016>
- LIVIA, A.; HALL, K. 2010. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: A.C. OSTERMANN; B. FONTANA (orgs.), *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo, Parábola Editorial, p. 109-127.
- PERES, W.S. 2012. Travestilidades nômades: a explosão dos binarismos e a emergência queering. *Estudos feministas*, **20**(2):539-547. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200014>
- RAMALHO, V.; RESENDE, V.M. 2011. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, Pontes Editores, 194 p.
- REBELLO, C. 2010. O que é Styling e Stylish? Blog Park Model. Disponível em: <http://schoolparkmodel.blogspot.com.br/2010/05/o-que-e-styling-e-stylist.html>. Acesso em: 02/02/2015.
- SALIH, S. 2012. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 232 p.
- SILVA, H. 2007. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro, Rocco, 216 p.

Submetido: 31/07/2014

Aceito: 26/05/2015

**Maria Carmen Aires Gomes**

Universidade Federal de Viçosa

Departamento de Letras. Avenida PH Rolfs, s/n, 36570-000, Campus Centro, Viçosa, MG, Brasil